

CHIPRE COMO PRIMEIRA ETAPA DA EXPANSÃO FENÍCIA PELO MEDITERRÂNEO NO INÍCIO DO I MILÊNIO A. C.

Adriana Anselmi Ramazzina
Universidade de São Paulo

RESUMO: *No período da expansão marítima fenícia, Chipre revela-se de importância capital aos fenícios devido aos metais, principalmente o cobre, abundante na ilha e bastante procurado pelos artesãos e comerciantes fenícios, e também devido à sua localização geográfica, facilitando as rotas marítimas fenícias, tanto comerciais quanto expansionistas, o que é evidenciado pelos achados arqueológicos na ilha.*

PALAVRAS-CHAVE: *Chipre, Fenícia, Metalurgia.*

INTRODUÇÃO

Os fenícios, como povo, não podem ser diferenciados da massa geral dos cananeus, até, aproximadamente, a última metade do II Milênio a. C. e é por essa época que devemos começar a nossa história. Este povo dinâmico e empreendedor chega ao seu zênite no princípio do I Milênio a. C. quando, segundo Harden (Harden, 1971, p. 20), "começa a estender a sua influência (com o comércio) e a sua potência (com a colonização) através de todo o Mediterrâneo e até a regiões fora dos seus limites". Nesse caminho está Chipre, peça de fundamental importância para a expansão fenícia, cujas relações com o Levante pretendemos aqui delinear.

Temos pouca quantidade de evidências materiais desse período concernentes à cultura fenícia, o que torna difícil precisar seu surgimento. Markoe (Markoe, 1990, p. 35) afirma que estudos do começo do século tendem a colocar seu início na Idade do Bronze Médio (cerca de 2200-1600 a. C.) ou início do II Milênio a. C., baseado nas descobertas de Biblos. De acordo com a interpretação corrente, entretanto, a arte e a cultura fenícia são consideradas um fenômeno da Idade do Ferro cujas origens remontam à Idade do Bronze Recente (cerca de 1600-1100 a. C.). A cultura fenícia é associada com a reemergência das cidades-estado depois de 1200 a. C., quando das incursões dos Povos do Mar no final da Idade do Bronze.

A situação política e militar conseqüente à invasão dos povos do mar possibilitou o início de um período de independência. O Egito entrou num longo período de decadência; o Império Hitita foi destruído e os micênios, na sua própria casa, tinham sido dominados por invasores do norte. Na verdade, não subsistia nenhuma grande potência e seu declínio criou um vácuo de poder no Mediterrâneo Oriental. A Assíria (reduzida a seus confins), a Pérsia e a Grécia clássica só serão grandes potências alguns séculos depois. Essa situação geral também determinou o florescer dos estados hebraicos e aramaicos, os quais comprimiram as cidades fenícias ao longo da zona costeira. Durante a última parte do séc. XI e princípios do

X (2ª fase da Idade do Ferro - 1000-840 a. C.), os hebreus consolidaram o seu domínio no sul da Palestina, com Saul, David e Salomão, ao vencerem os filisteus. O declínio da cultura filistéia na costa da Palestina e o crescimento de uma cultura israelita distinta, no interior, parecem ter criado condições para uma certa unidade cultural na faixa costeira levantina. As duas nações (Israel e Fenícia) eram aliadas e atingiram seus zênites durante os reinados de Hirão de Tiro (970-936 a. C.) e de Salomão, no princípio do I milênio a. C., o início da expansão colonial e comercial fenícia. O caminho, por fim, estava aberto para uma Fenícia independente e revivificada, pronta para incorporar e estender a sua influência em profundidade e extensão. As cidades dessa área, protagonistas da nova fase histórica são Tiro (a principal cidade da Fenícia nesse período, 1200-600 a. C.), Árado, Biblos, Sídon, Acad; de Beirute não se tem notícia até o período persa ¹.

OS FENÍCIOS EM CHIPRE

As fontes do início do I milênio, como o Antigo Testamento, os anais assírios e os poemas homéricos, freqüentemente fazem referência aos fenícios como muito hábeis artesãos que trabalham o metal com cinzel e como metalúrgicos. Essas atividades se inseriam na lista que se referia aos fenícios de Tiro, de Sídon e das outras cidades costeiras na interação da cultura do Oriente Próximo com a do Mediterrâneo. A vida econômica das cidades fenícias se baseava no trabalho de mestres especializados, no abastecimento de matérias primas, na manufatura de objetos de troca, no comércio internacional e na navegação.

Como Harden coloca (Harden, 1971, p. 119), a torêutica, a arte de esculpir metais, foi significativa no desenvolvimento da atividade marítima e das estratégias comerciais, e a pesquisa das fontes minerais foi uma das motivações principais para a expansão fenícia no Mediterrâneo Central e Ocidental, a começar por Chipre. É geralmente aceito que os fenícios chegaram a Chipre algum tempo depois dos micênios. O interesse cananeu pela "Ilha do Cobre" vem do séc. XIII a. C., ou talvez de antes, mas provas diretas de fixação permanente das colônias fenícias não existem senão a partir do séc. VIII a. C., como comprova uma inscrição fenícia encontrada numa tigela de bronze, a qual, segundo se lê, foi dedicada a Baal do Líbano pelo governador de Qartihadashti, servidor de Hirão, rei dos sidônios. A referida inscrição pertence à segunda metade do séc. VIII. Temos, porém, uma outra inscrição feita num túmulo da mesma ilha a qual presume-se datar da primeira metade do séc. IX. Culican (Culican, 1970, p. 97-99) mais detalhadamente nos informa que esta pedra tumular apenas recorda o enterramento de um fenício na localidade desconhecida de "Cabo Eshnum", não sendo suficiente para comprovar uma presença fenícia anterior ao séc. VIII a. C.

As evidências textuais claramente indicam que a principal exportação de Chipre no Bronze Recente era o cobre, como coloca Holmes (Holmes, 1975, p. 90-91). Desses textos é evidente que Chipre tinha uma abundância de cobre, exportado em grande quantidade para os países vizinhos. Há provas adequadas de que as minas de cobre de Chipre estavam sendo trabalhadas e que o material proveniente dessas minas era processado em muitas cidades cipriotas.

1 Culican, 1970, p. 97; Harden, 1971, p. 48-50; Moscati, 1979, p. 24-25; Bikai, 1990, p. 24

Assim, na visão de Oncken e Pietschmann (Oncken e Pietschmann, 1944, p. 160), os fenícios devem ter sido atraídos pelos riquíssimos filões de cobre que se encontram na cordilheira que ocupa o centro da ilha de Chipre na parte meridional, além de ferro e de prata que existiam no país. Apesar de terem se iniciado na arte de fundir o bronze na Síria do norte (e não de primeira mão dos babilônios, que se acredita serem os primeiros a se destacarem nessa arte), deve ter sido em Chipre, e não no Líbano, onde os fenícios adquiriram a maestria na metalurgia tão admirada pelos antigos; e provavelmente na mesma ilha se serviam da população local para a exploração das minas, que já tinha prática neste trabalho e no do cobre, conforme nos mostra os conteúdos dos sepulcros mais antigos.

Contudo, pouco se conhece da população de Chipre quando os fenícios lá chegaram, e até bem pouco tempo atrás, também era pequeno o conhecimento dos assentamentos fenícios na ilha; só tínhamos notícias da época em que a influência fenícia em Chipre estava já em declínio; portanto, era difícil formar idéia da extensão do poder fenício na ilha, e só se podia presumir que esse poder exerceu seu efeito mais duradouro ao longo da costa meridional, especialmente em Pafos, Curion (Episcopi) e Amato, nome que recorda o de Hamat, cidade do norte da Síria.

Através de escavações arqueológicas mais recentes, podemos verificar que os fenícios se mantiveram por mais tempo em Kition, a atual Larnaca, e também a Noroeste desta localidade, mais para o interior, em Idalion, hoje Dali. A posição de Kition era a melhor de toda a ilha pois estava próxima da costa síria e havia um caminho que partia dessa cidade, passava por Idalion e conduzia à planície, pondo em comunicação com a costa a cidade de Tamaso, hoje Pera, situada no centro da ilha, ao pé da vertente setentrional da cordilheira principal, cujas minas de cobre correspondiam em sua maior parte às cidades de Tamaso e Amato. Também ao longo da costa Norte, separada do interior por uma grande cordilheira, havia populações fenícias, como em Cerinea, Carpasia e Lapeto, que hoje se chama Larnax e Lapithu. Neste último lugar, de acordo com Oncken e Pietschmann (1944, p. 249-250), se encontram sepulcros com objetos que levam o selo mais ou menos seguro da influência fenícia. Eram também fenícios o Polis-tis-Crisocu, chamado no tempo dos gregos Marion, e no tempo dos Ptolomeus Arsínoe; temos Curion próximo de Amato, temos Ormidia na baía de Larnaka, próximo de Dali e de Atieno, e também havia tido origem fenícia a cidade de Golgoi, que todavia não se pôde localizar.

Segundo Harden (Harden, 1971, p. 56-58), Sir John Myres, arqueólogo britânico², encontrou no monte Bamboula, em Kition, restos de uma pequena colônia que julga ser fenícia, de cerca de 1000-750 a. C., seguida de outra muito maior e bem fortificada que crê ter tido início em 700 a. C. Esta colônia seria, então, a Qartihadashti dos documentos assírios, cujo rei, com outros oito potentados cipriotas, prestou homenagem à Sargão em 709-708, e que, segundo outras fontes, estava em grande contato com Tiro nessa época. A área de Kition forneceu muitas inscrições fenícias do séc. VIII e posteriores. A partir desse tempo, esse local foi a principal base fenícia na ilha em oposição à Salamina dos gregos.

2. Sir John Myres, "Excavations in Cyprus, 1913", *Ann. Brt. School Athens*, XLI (1939 -1940), p. 85. *apud* Harden, 1971

Porém, é evidente que, se não podemos chamar-lhes colônias (exceto, talvez, Kition), as relações cipro-fenícias eram bastante fortes, e Chipre era um útil porto de descanso para os barcos fenícios que se afastavam do continente. Muita da chamada cerâmica cipro-fenícia, do séc. IX e posterior, vem da indústria micênica, apesar de em algumas das suas formas (tais como jarros com bordas em forma de bico de ave, e com a parte mais estreita em forma de pétala) adotarem características fenícias.

Particularmente dignos de nota dessa convivência, como nos apresenta Culican (Culican, 1970, p. 101-103), são os *tumuli*, enterramentos da necrópole da antiga Salamina, explorada em 1957 e 1962. Aí, as cinzas de aristocratas ricos desta proeminente cidade greco-fenícia de Chipre eram depositadas em sepulcros de câmara reminiscentes dos de tradição tanto micênica como ugarítica, mas datando dos começos do séc. VII a. C. Temos cerâmica decorada com desenhos bicromáticos geométricos, do período arcaico cipriota, junto a arreios de cavalo de tipo fenício e uma bacia de ouro fenícia que também se encontravam entre os objetos funerários, assim como folhas de ouro estampadas, pertencentes a uma classe cipriota da ourivesaria fenícia.

A grande conexão entre Chipre e a costa sírio-palestina é indicada pela importação de cerâmica, selos e marfim para Chipre e a exportação de cerâmica, cobre e provavelmente óleos de Chipre para aquela região. Influências sírio-palestinas também aparecem em várias manifestações artísticas locais cipriotas. Esses contatos são particularmente fortes com Ras Shamra (Ugarit) e Gaza, mas eles se atêm ao comércio intenso e não à colonização. Provavelmente Gaza e Ras Shamra eram os principais portos onde os barcos cipriotas aportavam e era desses portos que os materiais cipriotas eram enviados para todo o interior. Esse estreito comércio existiu durante o Bronze Recente I (1550-1400 a. C.) e Bronze Recente II (1400-1200 a. C.) mas veio a terminar no início do Bronze Recente III (1200-1075 a. C.), segundo Holmes (Holmes, 1975, p. 98).

Um aspecto de extrema relevância neste estudo é que, ao tratarmos da Fenícia, nos deparamos com alguns problemas decorrentes da sua particularidade enquanto povo e da sua história. Primeiro, trata-se de um povo de origem semita como vários outros localizados na mesma área no Oriente Próximo, com tradições artísticas e culturas semelhantes. Com relação à sua história de diversas e sucessivas ocupações egípcias e mesopotâmicas, a cultura fenícia acabou por incorporar vários elementos dessas culturas estrangeiras.

Estes problemas, que originam tantas dificuldades quando tratamos especialmente da Fenícia, não aparecem nas suas colônias, exceto em Chipre. Nos outros territórios nos quais os fenícios se estabeleceram, os povos eram de origens completamente diferentes e, assim, podemos facilmente distinguir entre o nativo e o fenício. Mas em Chipre houve contatos semitas, senão imigrações, desde o III Milênio a.C., e ao mesmo tempo influências cipriotas alastraram-se pelo continente, como vimos acima, dificultando assim a sua identificação e diferenciação.

SÍNTESE

A civilização fenícia é um fato característico da Idade do Ferro. Na Idade do Bronze não podemos falar de Fenícia como uma unidade cultural, pois na região que se conhece hoje vivia uma população de origem semita ainda não diferenciada e

autônoma. A diferenciação e autonomia dos fenícios é decorrência de uma situação político-geográfica específica, verificada no Levante na segunda metade do II milênio: invasões de outros povos e a ocupação da região circunvizinha, limitando numa estreita faixa de terra do litoral a população semita que lá vivia e que assim se diferencia e desenvolve uma unidade cultural própria.

Quando surge a Fenícia propriamente dita, seus habitantes já são comerciantes e hábeis artesãos, iniciando assim a expansão marítima comercial e colonial. Já são conhecidos como artesãos da metalurgia inclusive, e seus produtos são requisitados por toda a parte.

Apesar da extrema importância de Chipre na expansão fenícia pelo Mediterrâneo, como podemos notar pelas poucas evidências disponíveis, pouco ainda se sabe a respeito. O estudo da cultura fenícia é relativamente recente. Até fins da década de 60 os fenícios eram conhecidos principalmente por achados fortuitos, basicamente de algumas escavações efetuadas em suas colônias no Mediterrâneo Ocidental. Pesquisas arqueológicas sistemáticas na Fenícia propriamente dita e em Chipre são ainda mais recentes, principalmente devido a problemas políticos na região. Há muito por fazer ainda, mas não se pode negar a importância vital de Chipre para o fortalecimento e expansão fenícia que mudará de maneira definitiva os contornos e a história do Mediterrâneo na Antiguidade.

ABSTRACT: The singular importance of Cyprus in the period of Phoenician Maritime Expansion is attested because of metals, copper mainly, which was fundamental raw materials for phoenician artisans and traders, and also because of its geographic location, necessary for phoenician ships and their sea routes, as commercials as expansionists, proved by the archaeological finds in Cyprus.

BIBLIOGRAFIA

- BIKAI, P. M.** Rich and glorious traders of the Levant. The Phoenicians. *Archaeology*, 43(2):22-30, 1990.
- CONTENEAU, G.** *La Civilisation Phénicienne*. Paris: Payot, 1949.
- CULICAN, W.** *O comércio marítimo nas primeiras comunidades do Levante*. Lisboa: Verbo, 1970.
- FALSONE, G.** La Fenicia come centro di lavorazione del bronzo nell'Età del Ferro. *Dialoghi di Archeologia*, Roma, 1:79-110, 1988.
- HARDEN, D.** *Os Fenícios*. Lisboa: Verbo, 1971 (Col. Historia Mundi, 9).
- HOLMES, L. Y.** The Foreign Trade of Cyprus during the Late Bronze Age. In ROBERTSON, N. (ed.) - *The Archaeology of Cyprus*. Recent Developments. New Jersey: Noyes Press, 1975, p. 90-110.
- MARKOE, G.** A nation of artisans. The Phoenicians. *Archaeology*, 43(2):31-35, 1990.
- MOSCATI, S.** *Il Mondo dei Fenici*. Milano: Oscar Studio Mondadori, 1979.
- ONCKEN, G. e PIETSCHMANN, R.** *Historia de los Fenicios*. Buenos Aires: Impulso, 1944.



Fig. 1 - A costa do Levante e Chipre
(de D. Harden, *Os Fenícios*. Lisboa, Verbo, 1971, p. 24, fig. 1)